

As abordagens qualitativas na Revista *Ciência & Saúde Coletiva* (1996-2020)

Qualitative approaches in the *Journal Ciência & Saúde Coletiva* (1996-2020)

Romeu Gomes (<https://orcid.org/0000-0003-3100-8091>)^{1,2}

Suely Ferreira Deslandes (<http://orcid.org/0000-0002-7062-3604>)¹

Martha Cristina Nunes Moreira (<https://orcid.org/0000-0002-7199-3797>)¹

Abstract *This study aims to analyze the qualitative papers published in the 25-year existence of the Journal *Ciência & Saúde Coletiva* (from 1996 to March 2020), taking into account themes, theoretical-conceptual anchors, methods, and techniques. This is a bibliographic study based on the principles of categorical analysis, dialoguing with the aspects of Social Sciences. We highlight the following outcomes. The collection spans over a variety of themes, and violence is the most recurrent topic. However, themes such as race/ethnicity are absent from the collection; 53% of the publications used Social Sciences references, and Bourdieu was the most cited author. Most papers (77%) show methodological information, under a predominantly Bardin's perspective. The collection with qualitative approaches is modest, with less than 10% of publications. We conclude, however, that the collection makes a significant contribution to Public Health because: (a) it establishes connections with different clinical areas; (b) it recognizes the voice of the actors, turning them into leading figures; (c) it collaborates with the epidemiological dimension to understand health contexts; (d) it subsidizes decision-making in health policies, planning and management; and (e) it unveils the symbolic dimensions of health-disease-care processes.*

Key words *Qualitative paper, Journal, *Ciência & Saúde Coletiva**

Resumo *Objetiva-se analisar os artigos qualitativos, publicados no período de existência da revista “*Ciência & Saúde Coletiva*” (1996 até março de 2020), levando em conta temas, ancoragens teórico-conceituais, métodos e técnicas. Trata-se de um estudo bibliográfico, baseado nos princípios da análise categorial, dialogando com aspectos das Ciências Sociais. Como resultados, destaca-se que: o acervo abrange uma variedade de temas, sendo as violências a mais recorrente e, enquanto que, entretanto, temas como raça/etnia estão ausentes do acervo; 53% das publicações utilizaram referências das Ciências Sociais, sendo Bourdieu o autor mais citado; a maioria dos artigos (77%) apresenta informações metodológicas, predominando a perspectiva de Bardin. O acervo com abordagens qualitativas é modesto, com menos de 10% das publicações. Conclui-se, todavia, que o acervo traz significativa contribuição para a *Saúde Coletiva* porque: (a) estabelece conexões com diferentes áreas da clínica; (b) reconhece a voz dos atores, transformando-os em protagonistas; (c) colabora com a dimensão epidemiológica para compreender contextos de saúde; (d) subsidia a tomada de decisão nos âmbitos das políticas, do planejamento e da gestão da saúde; e (e) desvenda as dimensões simbólicas dos processos de saúde-doença-cuidado.*

Palavras-chave *Artigo qualitativo, Periódico, *Ciência & Saúde Coletiva**

¹ Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fiocruz. Av. Rui Barbosa 716, Flamengo. 22250-020 Rio de Janeiro RJ Brasil. romeugo@gmail.com

² Hospital Sírio-Libanês. São Paulo SP Brasil.

Considerações iniciais

Para Denzin e Lincoln¹, as décadas de 1920 e 1930 são marcos históricos da pesquisa qualitativa, representados pelos trabalhos da sociologia da “escola de Chicago” e estudos antropológicos, dentre eles os de Franz Boas, Margareth Mead, Evans-Pritchard e Bronislaw Malinowski. Dentre as conclusões dos autores acerca do breve histórico por eles esboçado, uma delas se destaca: “A classe, a raça, o gênero e a etnicidade influenciam o processo de investigação, fazendo da pesquisa um processo multicultural”¹, indicando a inserção do pesquisador em marcos sociais que definem posicionamentos no processo analítico da pesquisa.

Apesar de as denominadas abordagens qualitativas de pesquisa terem suas origens nas disciplinas das ciências sociais, hoje estão presentes em vários campos, com leque variado de referências teórico-metodológicas com conflitos e tensões internas. O que dá um certo sentido de identidade às abordagens qualitativas é o reconhecimento que se constituem enquanto um conjunto de práticas materiais e interpretativas que exploram em profundidade os significados das ações sociais¹. Assim, o elo histórico de alinhamento comum é o paradigma compreensivista em sua premissa básica de que a análise se dá pela interpretação da ação social a partir dos significados atribuídos pelos seus agentes (instituições, grupos, indivíduos, movimentos sociais) inseridos numa rede de significados culturais num dado contexto histórico^{1,2}.

No entanto, como Strauss e Corbin³ observam a expressão “pesquisa qualitativa” foi adquirindo diferentes apropriações e significados para pesquisadores. Segundo eles, para alguns, os dados oriundos de entrevistas e observações podem ser reunidos e codificados de forma a serem estatisticamente analisados, configurando-se em dados qualitativos quantificados – o que nos leva ao questionamento da redução do estatuto epistêmico do “qualitativo” em questão. Os autores entendem que a análise qualitativa possui uma natureza epistêmica própria, ancorada no “processo não matemático de interpretação, feito com o objetivo de descobrir conceitos e relações nos dados brutos e de organizar esses conceitos e relações em um esquema exploratório teórico”³.

Há décadas que a pesquisa qualitativa vem sendo utilizada na área da saúde. Uma das implicações de suas contribuições para essa área é muito bem apresentada por Minayo:

Apesar dos inegáveis avanços, às vezes revolucionários, o campo da medicina e da saúde não se constitui apenas como um conjunto de tecnologias para prever, prevenir e curar enfermidades. Ele é também constituído como uma prática social fundada na cultura. É nela que esse setor, que impulsiona a ciência e move a economia, estabelece suas bases para dar esperanças às pessoas na recuperação de sua saúde e no melhoramento e no aperfeiçoamento do seu corpo e de sua mente⁴.

No sentido de situar o escopo do presente trabalho, nos remetemos às três dimensões da pesquisa qualitativa apresentados por Strauss e Corbin³: (1) dados oriundos de várias fontes; (2) procedimentos utilizados para a organização e a interpretação dos dados e (3) relatórios escritos e verbais, podendo ser apresentados por meio de artigos, livros e palestras. É numa das dimensões desse terceiro componente que se situa o nosso trabalho. Em outras palavras, é na textualização das pesquisas qualitativas apresentadas na revista *Ciência & Saúde Coletiva* (C&SC) que incide o nosso objeto de discussão. Consideramos que esse acervo publicado é significativo para a área da saúde em geral, seja em termos de disseminação e impacto. Chegando aos seus 25 anos, C&SC está indexada em 22 bases de dados nacionais e internacionais de acesso aberto, e disponível na sua web (www.cienciaesaudecoletiva.com.br), bem como nas redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram). Em 2019, manteve sua posição de liderança no Google Scholar como o periódico brasileiro mais citado de todas as áreas do conhecimento do país e, pela primeira vez, seu fator de impacto na *Web of Science* atingiu mais de um ponto, chegando a 1.008! Ainda em 2019, recebeu o prêmio internacional “Research Excellence Awards Brazil”, concedido pelo *Web of Science Group*, pertencente à Editora Clarivate Analytics e foi contemplada na categoria “Prêmio SciELO Citation Index”⁵.

A partir dessas considerações iniciais, objetivamos analisar os artigos qualitativos, publicados no período de existência da revista C&SC, (1996 até março de 2020), levando em conta temas, ancoragens teórico-conceituais, métodos e técnicas. Acreditamos que analisar esse acervo nos permite construir uma caracterização, ainda que parcial, da produção nacional das pesquisas qualitativas no campo da Saúde Coletiva, bem como analisar o papel que essa vertente ocupou no escopo da produção da Revista *Ciência & Saúde Coletiva* ao longo de sua existência.

Metodologia

Trata-se de um estudo bibliográfico acerca do acervo de publicações da revista C&SC sobre o objeto deste trabalho.

Para triagem dos artigos qualitativos na C&SC, pesquisou-se no site do periódico todo o conteúdo publicado entre 1996 e março de 2020. A seleção incluiu artigos-debate, artigo de temas livre, opiniões e revisão da literatura. Foram excluídos editoriais, comentários (relativos aos artigos de debate), cartas ao editor e resenhas.

Foram lidos todos os resumos dos trabalhos que se enquadravam nos tipos de publicações adotadas para este estudo. Para a seleção do acervo a ser analisado, foram levados em conta os trabalhos que tivessem – no título, no resumo ou nas palavras-chave – as seguintes expressões “artigo qualitativo”, “pesquisa qualitativa”, “metodologia qualitativa”, “abordagem qualitativa”, “análise qualitativa”, “estudo qualitativo” e “desenho qualitativo”. Os artigos que eram apresentados em seu resumo como “quali-quantitativo” não foram selecionados. Ao definir tais chaves de busca, acabamos por não capturar os artigos que não usaram tais termos e que optaram por descrever diretamente seu método específico, como nas etnografias, análises narrativas, análises de discurso etc.

O tratamento dado aos artigos selecionados, num primeiro momento, ancorou-se no princípio geral da análise categorial, que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”⁶. Em seguida, ampliou-se a discussão, tendo como base conceitos da pesquisa qualitativa e o diálogo com alguns teóricos das Ciências Sociais.

Caracterização geral do acervo consultado

A partir da leitura dos resumos dos 5.033 trabalhos, publicados na Revista no período de 1996 a março de 2020, foram identificados 555 artigos, com base nos critérios de inclusão utilizados. Após a leitura desses textos na íntegra, foram retirados seis, uma vez que eram trabalhos quanti-qualitativos. Assim, 429 artigos constituem o acervo do presente estudo, representando apenas 8,5% de todas as publicações da Revista no mencionado período. Não se pode afirmar que os textos exclusivamente qualitativos se resumem a essa quantidade. Possivelmente, muitos artigos não foram incluídos neste estudo porque, em seus resumos, não constavam as expressões utilizadas na busca.

A curva dos percentuais dos artigos qualitativos identificados em relação ao conjunto das publicações por cada ano é irregular (Gráfico 1). A primeira constatação é que os artigos selecionados só surgem no sexto ano da C&SC. O período de 2008 a 2013 evidencia a maior participação dos artigos de filiação qualitativa no conjunto de publicações da revista e a partir de 2017 um franco declínio. A diminuição desse percentual pode-se dar pelo aumento de rigor de análise editorial, levando ao aumento das taxas de recusa, ou mesmo por artigos terem migrado de uma definição geral do desenho de pesquisa como de “pesquisa qualitativa” para métodos particulares das Ciências Sociais.

Temas

Os artigos abrangem uma variedade de temas (Tabela 1). Aqui, destacamos os que ocupam as dez primeiras posições.

Entre os dez temas mais citados no acervo analisado, as violências foram as que mais se destacaram no conjunto das produções, correspondendo a 77,3% da totalidade dos artigos. Nesse grupo, as violências contra as mulheres tiveram presença mais destacada e as autoinflingidas foram as que apresentaram o menor número de artigos, sendo principalmente com foco nos suicídios e tentativas cometidas por idosos. Tal predominância parece indicar a fundamental importância das metodologias qualitativas que possibilitam a escuta e o reconhecimento das experiências para esse conjunto de fenômenos que constitui um dos principais problemas de saúde pública do país.

O segundo grupo abarca as designações originais de atenção primária e básica. São textos que refletem especialmente a organização das equipes, a ação matricial, a ação intersetorial e a atuação dos agentes comunitários.

As relações entre trabalho e saúde constituem um tema clássico na Saúde Coletiva. Aqui incluiu desde trabalhos sobre as condições de trabalho e suas repercussões para a saúde física e mental dos trabalhadores de diferentes setores produtivos, as representações sobre trabalho, concepções de risco laboral, trabalho em equipe, saúde mental de trabalhadores até as identidades profissionais.

O conjunto de textos que abordam a ampla temática das representações e práticas em torno do processo saúde-doença é variado em seus objetos, abrangendo as experiências de dor, do adoecimento crônico, os saberes e as terapias populares, as vivências de luto, as representações sobre

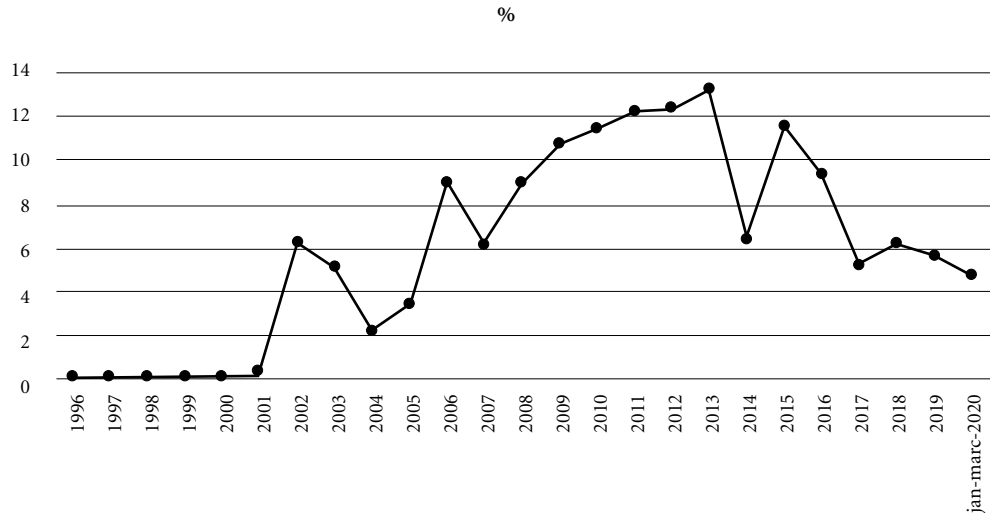


Gráfico 1. Distribuição percentual de artigos qualitativos por ano.

Tabela 1. Distribuição absoluta dos temas pelos artigos, 1996-2020.

Temas	N	Posição
Violências contra crianças, adolescentes, mulheres, idosos e autoinfligidas	33	1
Atenção primária/Atenção básica de saúde	32	2
Trabalho e Saúde	29	3
Representações e práticas sobre o processo saúde e doença	26	4
Alimentação/Nutrição	26	4
Saúde bucal	24	5
Saúde mental	21	6
Deficiências	21	6
Modelos de cuidados de crianças, adolescentes e adulto	20	7
Saúde, gênero e sexualidade	19	8
Pesquisa qualitativa – reflexões teórico-metodológicas	19	8
Gravidez-aborto-planejamento familiar	19	8
HIV e Aids	15	9
Drogas	14	10
Envelhecimento/Saúde do idosos	14	10

morte, sobre cuidados paliativos. Na realidade, o acervo abarca mais as experiências da doença e dos cuidados do que da saúde, bem-viver, ou equivalentes.

A temática da alimentação/nutrição sob visada qualitativa aparece mais recentemente no conjunto de publicações da revista (a partir de 2010). Sua participação foi também marcante no acervo, tratando os sentidos e as práticas da alimentação escolar, do cuidado nutricional das grávidas, dos pacientes hospitalizados, das crianças e das lactentes, assim como as intervenções nutricionais. Poucos textos analisam sob a visada qualitativa a publicidade de alimentos e a questão da obesidade.

O tema da Saúde bucal congrega artigos que versaram sobre cárie, perda dentária, percepção da saúde oral entre pessoas de diversas faixas etárias, concepções e expectativas dos pacientes sobre a atenção odontológica, entre outros.

A saúde mental é outro tema histórico na produção em Saúde Coletiva, sendo recorrente o emprego de metodologias qualitativas nesse campo. Os cuidados profissionais a pessoas com transtornos, debates sobre a reforma psiquiátrica, construção de redes de apoio, linhas terapêuticas e a experiência da atenção à saúde mental nas redes de atenção primária foram destaque.

As deficiências também emergem como um tema de atenção das abordagens qualitativas na revista desde 2006, versando sobre a qualidade de vida das pessoas com deficiências, os cuidados parentais e as implicações para estresse familiar, redes de proteção, itinerários terapêuticos, bem como inclui artigos sobre doenças genéticas raras.

A temática dos modelos e cuidados é outro tema que faz parte dos temas históricos, caro às abordagens das ciências sociais e humanidades. Nesse grupo estão os artigos que tratam da hospitalização infantil, da relação médico-paciente, da gestão da clínica e da atenção à população de rua.

O tema saúde, gênero e sexualidade teve a perspectiva predominante da abordagem sobre as masculinidades. Os artigos publicados trataram questões como a dominação masculina, iniciação e saúde sexual de homens, uso de serviços de saúde por homens, saúde masculina, sentidos atribuídos à Política Nacional de Assistência Integral à Saúde do Homem. Tratou também da contracepção juvenil, da busca e atendimento por serviços de saúde a travestis e pessoas trans, abordou temas sobre identidade sexual e sado-masochismo.

As reflexões sobre as abordagens qualitativas, suas questões epistemológicas e éticas, o seu emprego em diversos campos disciplinares e o ensino desses métodos foram temas de destaque nas publicações do acervo.

O atendimento à gravidez, a experiência da gravidez após ter vivido mortes perinatais, do aborto, as concepções sobre o atendimento à saúde das mulheres, sobre planejamento familiar, o atendimento à gestante adolescente, gestantes com morbidades, foram os aspectos mais retratados.

A temática de viver com HIV-Aids também marca um lugar importante do acervo analisado. Aspectos da sexualidade de pessoas vivendo com HIV, experiências no uso dos antirretrovirais, o cuidado de crianças soropositivas, itinerários terapêuticos e atuação das ONGs.

A temática das drogas foi tratada abordando as perspectivas de consumo, prevenção ao uso, modelos de atendimento e representações sociais sobre o uso e os usuários.

O tema do envelhecimento e da saúde dos idosos abordou as questões da convivência com a dor e da perda das funcionalidades, o cuidado familiar e institucional, as dinâmicas geracionais, o papel da religiosidade face às perdas de capacidades funcionais e a rede de apoio.

Por fim, cabe exercitar a análise dos temas que ganharam pouco ou nenhum espaço nessa produção. Nos chama atenção, por exemplo, nesse acervo, a quase completa ausência do tema cor/raça/etnia nas relações com a saúde. Esse crucial marcador estrutural das relações sociais e das desigualdades no país pode até ter comparecido de forma transversal aos estudos, mas não constituiu

um tema central. Apenas oito trabalhos abordaram questões relativas aos povos indígenas e nenhum artigo trouxe as questões de saúde-doença da população negra ao foco do debate. Da mesma forma não percebemos nenhum investimento no tema do ambiente, em suas múltiplas relações com os povos, governos e sociedades (somente um trabalho explorou a contaminação ambiental). A reflexão de uma “sociologia das ausências”, como nos ensina Boaventura de Sousa Santos⁷ nos faz pensar nos aprendizados provenientes das diversas vivências sociais que não foram contempladas, apontando um enorme desperdício da experiência. Seria a ausência dos temas um reflexo também da ausência, por exemplo, de pesquisadores e pesquisadoras negros e negras das cenas públicas de pesquisa? Talvez ainda invisibilizados e precarizados, submetidos ao universo das iniquidades que eles próprios discutem nas relações sociais? Como bem nos lembra Boaventura no texto acima, ao operar como uma razão metonímica, onde o todo engole as partes, a ciência moderna ilumina o homem (adulto, branco, educado, heterossexual etc.) e apaga, torna ausentes aqueles que denunciam essa ordem hegemônica. Também nos provoca a pensar como a conformação de um temário é construído num campo científico, como determinados objetos e temas passam a traduzir os interesses dos agentes institucionais que vão aos poucos desenhando uma concepção da realidade e do que realmente “interessa” de ser estudado⁸.

Teorias

As referências teóricas das Ciências Sociais (CS) só estiveram presentes em 53% dos artigos analisados. Nos outros 47% não havia referências das CS e os autores e trabalhos foram empregados apenas para situar o tema tratado ou para definir um “estado da arte” do problema, sua magnitude e relevância.

Vale discutir essa proporção, onde em quase 50% dos artigos se encontram ausentes as referências teóricas de CS, à luz da análise de Bosi⁹. A autora identifica como um diagnóstico para essa ausência, o fato de haver um “emprego intercambiável entre método, técnica e análise”, quase como sinônimos o que reforça a falta de clareza nas referências que sustentam teoricamente as produções. Nesse sentido, a centralidade se dá na técnica empregada, sem o necessário fundamento epistemológico. Deslandes e Iriart¹⁰ vão ao encontro desse diagnóstico quando, ao recuperarem as produções de três revistas da área de

saúde coletiva, identificam que um total de 124 artigos (46,6%) definem claramente sua filiação a um referencial teórico-metodológico. Os autores destacam que reside uma grande variedade de perspectivas teórico-metodológicas acionadas por diferentes disciplinas no campo das Ciências Sociais e Humanas. E a outra proporção de artigos, convoca teorias de médio alcance relacionadas a objetos específicos, estando ausentes as entradas analíticas nos universos simbólicos que se propõem analisar as teorias de suporte.

Daqueles trabalhos que apresentaram uma ancoragem teórica no campo da CS, os autores “clássicos” são pouco mencionados. Karl Marx constituiu a base teórica de apenas seis artigos, assim como Emile Durkheim (especialmente citado por sua categorização das representações sociais e de sua obra “O Suicídio”). Max Weber compôs o marco teórico de apenas um artigo.

Dos autores contemporâneos, Pierre Bourdieu foi o mais citado (17 citações). O sociólogo francês foi invocado, especialmente pelas categorias de “dominação masculina” e “poder simbólico” e pelo conceito de “habitus”.

Michel Foucault foi o segundo autor mais citado como base teórica dos artigos qualitativos estudados. Genealogia e biopoder foram as referências teóricas acionadas pelos autores. A obra História da sexualidade foi citada especialmente entre os estudos de gênero.

Os autores da Antropologia que trabalharam os modelos terapêuticos a partir de uma visada transcultural, tais como Arthur Kleinman, Cecil Helman, Luc Boltanski, Byron Good também foram constantes. Dentre os autores clássicos, apenas Marcel Mauss constituiu a base teórica de seis artigos.

Cabe ressaltar que essa interface entre Antropologia e Saúde é um dos destaques da análise de Knauth e Leal¹¹. As autoras ao analisarem a expansão das Ciências Sociais na Saúde Coletiva apontam que predomina um ponto de vista temático e não teórico-metodológico na área de Antropologia da Saúde, onde podemos localizar Arthur Kleinman, Cecil Helman, Byron Good. Ou seja, o centro é o objeto saúde, e adicionaríamos o polo contrastivo doença/enfermidade. A necessidade de desconstruir um olhar eminentemente epidemiológico ou biomédico sobre saúde e doença faz com que os pesquisadores acionem redes de parcerias e diálogos com perspectivas que possibilitam iluminar esse objeto e “desmedicalizá-lo”. Mas, diferentemente de Luc Boltanski, que é um sociólogo, e Byron Good, que é um antropólogo, Arthur Kleinman e Cecil

Helman são médicos que vão à antropologia para enfrentar os problemas surgidos na prática clínica e na formação de alunos de medicina.

Ainda acionando Knauth e Leal¹¹ destacamos:

A Sociologia e, particularmente, a Antropologia da Saúde, sempre tiveram um status um tanto marginal dentro das Ciências Sociais por lidarem com temas tidos como menos sociológicos e, talvez, mais “naturais” (como o corpo e a doença), mas, sobretudo, por estabelecerem um diálogo mais próximo com outras disciplinas (Medicina, Enfermagem, Epidemiologia, Educação Física), e, ainda, por terem uma maior preocupação com a aplicação do conhecimento acadêmico (o que, muitas vezes, é visto como uma forma de corrupção do conhecimento sociológico, contrariando o modelo clássico das Ciências Sociais, basicamente teórico e pouco aplicado).

O interacionismo simbólico, representado por Erving Goffman através de sua categoria de estigma também pode ser elencado como referência significativa. Nunes¹² destaca a importância de Goffman para a área de Sociologia da Saúde, estabelecendo o diálogo entre saúde, doença e medicina, ainda que o autor não se tenha nomeado sociólogo da saúde. A retomada de Goffman no Brasil demonstra uma tendência de valorizar as microanálises, especialmente a partir do final da década de 1960 na aproximação entre antropólogos e a área psi, valorizando o cotidiano, as relações interpessoais, no foco socioantropológico, com preocupação interdisciplinar.

Os autores que constituem as referências das Teorias das representações sociais (Serge Moscovici, Denise Jodelet e Claudine Herzlich) constituem outro bloco das referências mais constantes. Com relação a esse aspecto, Deslandes e Iriart¹⁰ referem a imprecisão que o uso dessa categoria “representações sociais” acaba por refletir, um emprego diversificado das definições e perspectivas epistemológicas e metodológicas distintas. Pode-se refletir como essa imprecisão anuncia um paradoxo: recorrer as mesmas como uma moeda simbólica, um fator para atribuir reconhecimento aos artigos, mas sem aprofundamento, e com imprecisões, frente à tradição das CS. Esse paradoxo pode revelar a busca de atribuição de valor aos artigos no campo qualitativo, como um “selo” na interlocução com as ciências sociais na saúde coletiva. Knauth e Leal¹¹ reafirmam residir na utilização de categorias das ciências sociais, especialmente a de representações sociais, bem como de gênero, uma estratégia de fortalecimento do diálogo com a Sociologia e a Antropologia, ainda que superficialmente elaborada no acervo que analisam.

Métodos e técnicas dos textos

A grande maioria dos 429 artigos analisados aporta informações sobre referências metodológicas, perfazendo um conjunto de 331 (77%) textos. Com base em Boudieu et al.¹³, pode-se considerar positivo que percentual tão alto apresente seus princípios metodológicos – conseguindo ir além da visualização de uma soma de técnicas ou de conceitos deslocados de sua utilização na produção de seus achados. Além disso, ainda baseando-se nos mencionados autores, a exposição de método pode indicar ao leitor quais foram os princípios de vigilância epistemológica seguidos para a produção do conhecimento.

Os aspectos metodológicos dos artigos foram considerados não só a partir dos princípios ou caminhos adotados nas pesquisas que originaram os textos, mas também nas bases teórico-metodológicas empregadas para o tratamento analítico das informações. A partir desse olhar, observa-se um amplo espectro metodológico, que não se limita aos métodos consagrados da pesquisa qualitativa, tais como: estudo de caso, etnografia e pesquisa-ação (Tabela 2), que representam 6,6%, 2,4% e 0,6% do acervo, respectivamente.

No conjunto das opções metodológicas, duas delas se destacam. A primeira, de longe, é a Análise de Conteúdo, representando 44,7% desse conjunto. Alguns dos trabalhos qualificam-na com a expressão “temática”, enquanto outros não a adjetivam, esquecendo que essa estratégia analítica é entendida como um conjunto de técnicas, como observa Bardin⁶, autora-referência para este assunto em questão. Em outras palavras, há várias modalidades de análise de conteúdo que não são utilizadas. Apenas um artigo menciona que utilizou a análise de conteúdo de enunciação. A mencionada autora é citada nos trabalhos, mas em geral esse procedimento aparece, tendo como referências manuais de pesquisa, principalmente o de Minayo¹⁴. Ainda sobre essa estratégia analítica, interessante observar que a sua origem, na segunda década do século passado, inicialmente, teve a influência do Behaviorismo, para dar um tratamento quantitativo para notícias da imprensa norte-americana. Com o passar dos anos, foi tendo outras influências teórico-metodológicas e utilizada ou adaptada independentemente do objeto de pesquisa e da ancoragem teórica adotada, tornando-se um “instrumento polimorfo e polifuncional”⁶. Por isso, consegue se manter por quase um século – principalmente em sua modalidade temática – como uma estratégia de análise

de dados, no âmbito das pesquisas qualitativas em vários campos disciplinares. Essa sobrevida é vista nos trabalhos da C&SC há mais de duas décadas.

Dialogando com Deslandes e Iriart¹⁰ cabe destacar na análise dos autores que os artigos ao referirem nos “procedimentos de análise” predominantemente assentados na análise de conteúdo, de vertente temática, os mesmos não informam como foi conduzida a interpretação dos dados. Segundo os autores, um uso instrumental das técnicas de produção dos dados pode ser reconhecido como “um empirismo ateuico”. No acervo analisado pelos autores predomina a análise de conteúdo temática, entretanto, sem o esclarecimento e a mobilização das categorias utilizadas na abordagem do universo simbólico. Os autores identificam análises onde as falas dos sujeitos entrevistados não são discutidas, problematizadas à luz das práticas e dos contextos socioculturais de onde falam. Nessa análise acionam a crítica bourdieusiana de um conhecimento que se produz a partir de uma “ilusão de transparência”.

A segunda estratégia metodológica mais frequente, representando 9,9% do acervo analisado, é composta por um conjunto de abordagens que se ancora na concepção hermenêutica (principalmente a de Ricoeur), na dialética (com destaque para Habermas) e no debate estabelecido entre Gadamer (hermenêutico) e Habermas (em suas ideias dialéticas), apresentada na obra de Habermas, sob a denominação “Dialética e Hermenêutica”¹⁵. Inspirada nessa obra, Minayo^{14,16} traduziu metodologicamente a junção dessas duas perspectivas, sob a denominação de “hermenêutica-dialética”. O Método de Interpretação de Sentidos^{17,18}, além de se basear nos princípios metodológicos hermenêutico-dialéticos de Minayo, busca outras vertentes da hermenêutica e da dialética, bem como utiliza o marco teórico-conceitual da interpretação baseado na antropologia. A face operacional desse método inspira-se na análise de conteúdo temática proposta por Bardin, autora já mencionada. Cabe ainda uma observação acerca dessa categoria ampla de análise que a hermenêutica de Ricoeur também está presente – como um dos marcos teóricos – em alguns artigos que utilizaram o Estudo das Narrativas.

Além dessas duas opções metodológicas mais frequentes no acervo estudado, há algumas observações importantes: (a) a participação significativa de vertentes teóricas da sociologia e da antropologia no embasamento de vários métodos;

Tabela 2. Distribuição absoluta e percentual dos métodos por publicações.

Métodos	N	%
Análise de Conteúdo	148	44,7
Análise Hermenêutica/ Hermenêutica-Dialética/ Interpretação de Sentidos	33	9,9
Análise de Discurso	28	8,4
Estudo de Caso	22	6,6
Teoria Fundamentada em Dados	20	6
Estudo Bibliográfico/Revisão da Literatura	19	5,7
Discurso do Sujeito Coletivo	16	5
Etnografia	8	2,4
Pesquisa Avaliativa	7	2,1
Estudo de Narrativa	6	2
História de Vida/História Oral	5	1,5
Metodologia de Signos, Significados e Ação (Bibeau)	3	0,9
Ensaio	3	0,9
Pesquisa-Ação	2	0,6
Análise de Redes Sociais	1	0,3
Análise Institucional	1	0,3
Autópsia Psicológica	1	0,3
Cartografia (Deleuze e Guatarri)	1	0,3
Círculo Cultural (Paulo Freire)	1	0,3
Mapas Afetivos	1	0,3
Mapa de Risco	1	0,3
Netnografia	1	0,3
Pesquisa de Intervenção	1	0,3
Teoria do Núcleo Central (Abric)	1	0,3
Triangulação	1	0,3
Total	331	100

(b) a presença da psicologia em geral como base para a análise de pesquisas; e (c) o surgimento de postagens e material virtuais em geral como fontes de métodos de análise nos últimos números da C&SC.

Dos 429 artigos, 98 (23%) não apresentam o método utilizado. Faz-se necessário observar que expressões que adjetivaram a pesquisa qualitativa como “descritiva”, “analítica” e “transversal” não foram consideradas como método. Isso ocorreu, principalmente, porque não havia uma exposição de princípios, diretrizes e trajetórias percorridas que qualificassem tais expressões. Uma das possíveis explicações para a ausência de exposição de método para esses casos se deve ao fato de tais expressões serem clássicas nos desenhos do método epidemiológico ou nos manuais de metodologia

científica, como se fossem um conhecimento já dado no âmbito dos profissionais de saúde.

Entre os 98 artigos já mencionados, há 13 (13%) que não se esperava que neles fossem apresentado método, uma vez que eram artigos -opinião, artigos-debate ou discussões teórica-metodológicas.

Em relação à não explicitação de método, cabem – pelo menos – duas possíveis interpretações. A primeira se refere à ideia de entender a abordagem qualitativa como um modelo padronizado de pesquisa. Rebatendo essa concepção, observa-se que tal abordagem não possui teoria ou paradigma, método ou prática e técnicas que possam ser reivindicados como exclusivos para si¹.

Outra explicação se refere ao fato da possível redução do método a técnicas. Nesse sentido, é comum – na seção de metodologia – após anunciar que se trata de uma pesquisa qualitativa, anunciar com destaque as técnicas utilizadas no estudo. Com essa redução pode-se ter uma exposição metodológica incompleta. Uma metodologia – que apresenta método e técnicas – consegue não só expor o processo investigativo percorrido, como também explicitar a lógica utilizada para se chegar à produção dos resultados. Nesse sentido, as técnicas – ainda que se conectem a métodos, como estes se conectam a teorias – afiguram-se apenas na instância dos procedimentos para coletar as informações e transformá-las em dados relacionados à problemática da pesquisa¹⁹.

Entretanto, essa redução de método a técnicas não predomina no conjunto do acervo, como vimos, 77% dos artigos apresentam uma exposição de método. Além disso, se considerarmos os últimos anos das publicações da C&SC, tal redução é exceção. Isso se sustenta, uma vez que dos 139 trabalhos publicados, no período de janeiro de 2015 a março de 2020, 91% apresentam seus métodos, sem reduzi-los a técnicas.

Dos 429 artigos revisados, retirando-se 54 (13%) discussões/opiniões, 375 (87%) artigos apresentam uma ampla variedade de técnicas de pesquisas nas seções de metodologia (Tabela 3). A entrevista, principalmente a do tipo semiestruturada, é a grande protagonista no conjunto das técnicas. Se forem somadas as várias modalidades dessa técnica, ela está presente em mais da metade dos artigos consultados, representando 57% desse conjunto. Há artigos (5%) que não especificam a modalidade dessa técnica. Além disso, ela aparece como coadjuvante junto com outras técnicas em 22,8% dos artigos. Considerando o seu protagonismo e o seu papel coadjuvante, observa-se que 79,8% dos 412 artigos analisados

Tabela 3. Distribuição absoluta e proporcional de técnicas por publicações.

Técnica	N	%
Entrevista semiestruturada	138	34
Entrevistas e Observações	46	11
Grupo Focal/Discussões em Grupo	36	9
Entrevistas aberta/em profundidade/narrativa/história oral	32	8
Entrevista	21	5
Entrevistas e Discussão de Grupo/Grupo Focal	14	3
Entrevistas e Compilação de documentos	13	3
Observação/Observação de Campo/Observação Participante	12	3
Entrevistas, Observações e Compilação de documentos	11	3
Questionário/Questionário semiestruturado	9	2
Entrevista, Observação e Grupo Focal	4	1
Entrevista e Questionário	3	0,7
Compilação em postagens na internet	3	0,7
Círculo hermenêutico-dialético	2	0,5
Compilação de vídeos	2	0,5
Entrevista, Gravação de vídeo e Compilação de documentos	2	0,5
Entrevista, Observação, Compilação de documentos e Grupo Focal	2	0,5
Entrevista e Escala	2	0,5
Relato de experiência	2	0,5
Experiência de ambientação e aculturação	1	0,2
Observação e Círculo de Cultura	1	0,2
Observação e Filmagem	1	0,2
Grupo Focal e Compilação de documentos	1	0,2
Grupo Focal, Observação e Compilação de documentos	1	0,2
Grupo Focal e Escala	1	0,2
Círculo hermenêutico e Observação	1	0,2
Compilação de documentos e Diário Cartográfico	1	0,2
Compilação a imagens	1	0,2
Oficina	1	0,2
Entrevista e avaliação psicológica	1	0,2
Entrevista e redações	1	0,2
Entrevista, Grupo Focal e Compilação de documentos	1	0,2
Entrevista, Observação, Compilação de documentos e Mapeamento de rede social	1	0,2
Entrevista, Escala Analógica e Encontro	1	0,5
Entrevista, Encontro e Construção de Genograma	1	0,2
Entrevistas, Compilação de documentos e de páginas da internet	1	0,2
Mapa Afetivo	1	0,2
Sessão de brinquedo terapêutico	1	0,2
Técnica de evocação livre	1	0,2
Relato escrito	1	0,2
Total	375	90,9

utilizaram a entrevista como técnica de coleta de dados.

A centralidade da entrevista no conjunto dos artigos qualitativos pode ser vista como uma técnica importante porque, dentre outros aspectos, as perguntas ou os roteiros tanto podem servir

de guias para a busca de informações para seu objeto de pesquisa, quanto servir de roteiro para a análise das informações obtidas. Quanto mais estruturada for, mais o entrevistado desenvolverá seu relato tendo como guia a intencionalidade do entrevistador. Por outro lado, quanto mais aberta

for, maior possibilidade haverá de o entrevistador captar estilos, scripts ou ideias estruturantes implícitos ou explícitos às respostas dos entrevistados, como na entrevista em profundidade e na entrevista narrativa. Parece que – em grande parte dos artigos – a preferência foi para se chegar a um meio termo entre esses polos, uma vez que predominam as entrevistas semiestruturadas.

Em geral, os artigos que utilizam entrevistas – independente da modalidade escolhida – contêm trechos das respostas ou dos relatos dos entrevistados. Esse formato de texto tanto pode servir para esclarecer melhor as discussões e as inferências dos autores, quanto para sustentar com evidências suas interpretações. Possivelmente, essa estratégia pode angariar uma maior credibilidade dos estudos qualitativos na área da Saúde Coletiva, onde predominam discussões baseadas na bioestatística ou na epidemiologia. Talvez em periódicos de outra área, como os da Antropologia, a centralidade seria mais da observação, em suas diferentes modalidades, do que da entrevista. E ainda nessa reflexão sobre a entrevista como uma técnica associada à observação, ganha potência na Antropologia o acionamento da reflexividade que incide sobre o lugar e a relação do pesquisador e dos sujeitos da pesquisa, reposicionando a autoria e a biografia do pesquisador no texto.

Ainda sobre as técnicas, importante observar que em 51 artigos (14%) aparece a combinação de duas ou mais técnicas. Tal combinação pode ser vista como uma tentativa de se conseguir uma triangulação de método, seja visando reduzir as ameaças à validade, tanto interna quanto externa à pesquisa²⁰, seja na perspectiva de trazer mais nuances e complexidade à forma de analisar os fenômenos.

No conjunto das 375 publicações que utilizaram uma ou mais técnicas, apenas 21 (6%) delas lançaram mão de softwares para a extração de informações para a produção de dados. Os softwares empregados, em suas diferentes versões, foram: Alceste, Atlas, Excell, Evoc, In Vivo, MaxQDA, NVivo, Qualiquantisoft, QSR e Iramuteq. Essa prática, que vem se desenvolvendo desde os meados da década de 1980, gera polêmicas. Flick²¹ adverte, tanto para os que são a favor, quanto para os que são contra o uso dessa tecnologia, que os softwares utilizados nas pesquisas qualitativas não geram análises sozinhos ou de modo automático como os programas estatísticos. O autor comenta que um software – como o QDA (análise de dados qualitativos) – “assemelha-se mais a um processador de textos, que não redige o texto, mas que, de certa forma, facilita a redação do texto...”¹⁹. To-

davia, vale ponderar que as versões novas desses softwares aprimoraram muitas de suas funções, permitindo a codificação de grandes acervos, inclusive audiovisuais, além do cruzamento e da busca rápida de categorias e códigos.

Considerações finais

A presença constante das abordagens qualitativas ao longo da produção de uma revista tão emblemática da Saúde Coletiva, representativa dos diversos campos disciplinares, é um ponto a ser destacado. Revela a incorporação e a institucionalização de uma abordagem epistêmica que estabelece um rico contraponto às leituras biomédicas, epidemiológicas e das ciências naturais sobre os processos do adoecer, do cuidado e do manter-se saudável. Os estudos qualitativos, independentemente de sua matriz de filiação teórico-metodológica, contribuem para esmiuçar as lógicas e as intencionalidades culturais que revestem de sentido e mesmo influenciam a ação dos sujeitos. Permitem vislumbrar os entrecruzamentos dinâmicos das vidas em biografia e as estruturas sociais em suas múltiplas redes de determinação, autonomia e influência.

A constatação de que apenas metade dos artigos aportam referências teóricas das Ciências Sociais para a sustentação de suas análises, já foi apontada por diversos autores da área há mais de uma década. Todavia, continua a ser preocupante tal estado da arte. Por um lado, poderia se advogar que as referências das chamadas abordagens qualitativas estão presentes em várias áreas disciplinares, inclusive aplicadas, como na administração pública, no planejamento e na educação e, portanto, não precisariam aportar outras teorias que não as de sua abrangência. Mas, por outro lado, é indefensável que não se verifique aí uma ancoragem teórica pelo menos sobre os modos de produção simbólica, vinculação sociocultural de sentidos e da ação social, dado que são os referentes básicos da interpretação qualitativa. Tais pontos corroboram para a necessidade de consolidação e expansão da formação em teoria social, seja no âmbito da graduação até os programas de pós, formando pesquisadores da área da saúde com a expertise necessária.

A diversidade das metodologias empregadas, ainda que com o histórico predomínio da análise de conteúdo, bem como a diversidade das técnicas usadas para a produção de dados nos indica a riqueza e a dinâmica da pesquisa social em saúde. Verificamos ainda que parece ter havido ao lon-

go do período estudado um amadurecimento no uso de métodos, distinguindo-os do emprego de um acervo de técnicas.

O rol dos temas elencados no período demanda uma análise crítica e vigilante do próprio campo da Saúde Coletiva, indagando-se sobre os temas que, a despeito de sua relevância, permanecem “ausentes”. Cabe refletir se essas ausências na saúde coletiva não podem revelar outras necessidades, como a de fortalecer linhas de fomento para esses campos temáticos.

Em síntese, observamos que o acervo com abordagem qualitativa – ainda que não chegue a 10% de todas as publicações – consegue con-

tribuir para o campo da Saúde Coletiva porque a sua publicização: (a) estabelece conexões com diferentes áreas da clínica com esse campo, ressignificando seus objetos a partir de lentes socioculturais; (b) reconhece a voz dos atores – individuais e sociais – para que possam ser protagonistas no cenário desse campo; (c) colabora com a dimensão epidemiológica para que se possa complexificar a compreensão dos contextos que envolvem as necessidades e demandas de saúde; (d) subsidia a tomada de decisão nos âmbitos das políticas, do planejamento e da gestão da saúde e (e) desvenda as dimensões simbólicas dos processos de saúde-doença-cuidado.

Colaboradores

R Gomes, SF Deslandes e MCN Moreira participaram ativamente da concepção, da discussão dos resultados, da revisão e aprovação da versão final do estudo.

Referências

1. Denzin NK, Lincoln YS. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: Denzin NK, Lincoln YS, organizadores. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed; 2006. p. 15-47.
2. Deslandes SF. Notas sobre a contribuição da sociologia compreensiva aos métodos qualitativos de avaliação. In: Campos RO, Furtado JP, Passos E, Benevides B, organizadores. *Pesquisa avaliativa em Saúde Mental: Desenho Participativo e efeitos da narratividade*. São Paulo: Hucitec; 2008. p. 68-77.
3. Strauss A, Corbin J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed; 2008.
4. Minayo MCS. Apresentação. In: Gomes R. *Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa; 2014.
5. Minayo MCS, Gomes R, Silva AAM. 25 anos de ciência para construção do SUS – Editorial. *Cien Saude Colet* 2020; 25(3):780.
6. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2009.
7. Santos BS. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [online] 2002; 63 [acessado 2020 Maio 26]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/1285>
8. Bourdieu P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp; 2004.
9. Bosi MLM. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. *Cien Saude Colet* 2012; 17(3):575-586.
10. Deslandes SF, Iriart JAB. Usos teórico-metodológicos das pesquisas na área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde. *Cad Saude Publica* 2012; 28(12):2380-2386.
11. Knauth DR, Leal AF. A expansão das Ciências Sociais na Saúde Coletiva: usos e abusos da pesquisa qualitativa. *Interface (Botucatu)* 2014; 18(50):457-467.
12. Nunes ED. Goffman: contribuições para a Sociologia da Saúde. *Physis* 2009; 19(1):173-187.
13. Bourdieu P, Chamboredon JC, Passeron JC. *A profissão de sociólogos: preliminares epistemológicos*. Petrópolis: RJ: Vozes; 1999.
14. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; 2006.
15. Habermas J. *Dialética e hermenêutica*. Porto Alegre: LP&M; 1987.
16. Minayo MCS. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: Minayo MCS, Deslandes S, organizadores. *Caminho do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2002. p. 83-107.
17. Gomes R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo MCS, organizador. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes; 2007. p. 79-108.
18. Gomes R, Souza ER, Minayo MCS, Malaquias JV, Silva CFR. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: Minayo MCS, Assis SG, Souza ER, editores. *Avaliação por Triangulação de Métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2005. p. 185-221.
19. Bruyne P, Herman J, Schoutheete M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1991.
20. Denzin NK. *The research act*. Chicago: Aldine Publishing Company; 1973
21. Flick U. *Uma introdução a pesquisa qualitativa*. São Paulo: Bookman; 2004.

Artigo apresentado em 02/06/2020

Aprovado em 02/06/2020

Versão final apresentada em 04/06/2020